

**BLOG: A ESCRITA HIPERTEXTUAL E AS QUESTÕES DE GÊNERO NA
FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DOS JOVENS¹**

**BLOG: COLLECTIVE WRITING AND GENDER QUESTIONS IN THE FORMATION
OF YOUNG PEOPLE'S IDENTITY**

Maria Aparecida Padilha Ribeiro²

Orientadora: Dra. Vera Helena Ferraz de Siqueira³

² Mestranda da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Núcleo de Tecnologia Educacional das Ciências da Saúde (NUTES), cidinha1980@yahoo.com.br

³ Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), do Núcleo de Tecnologia Educacional nas Ciências da Saúde (NUTES), verahfs@yahoo.com.br

RESUMO

O artigo é parte do projeto de pesquisa “*Blog: a escrita hipertextual e as questões de gênero na formação da identidade dos jovens*”, que tem como objetivo pesquisar espaços virtuais, nesse caso os *blogs*, de jovens, a fim de verificar como, através de uma escrita hipertextual, constroem sua identidade e realizam reflexões sobre gênero, particularmente no que tange à saúde reprodutiva. Trata-se de verificar os usos da tecnologia pelos sujeitos, o que reflete em uma nova forma de apropriação da leitura e da escrita. Os textos postados deixam de ser únicos e passam a ser coletivos, assim como os sujeitos. Através da interação e da troca de mensagens, eles se questionam ao mesmo tempo em que constroem novos conhecimentos sobre gênero. Questiono o tipo de identidade que os sujeitos constroem dentro desse grande hipertexto digital, que é o *blog*.

Palavras-chave: *blogs*, leitura e escrita na cultura digital, formação da identidade, gênero.

ABSTRACT

This paper is part of a research project named “*Blog: collective writing and gender questions in the formation of young people's identity*”. It aims at investigating virtual environments, more specifically *blogs*, to verify how young people construct their identities and make reflections on gender through collective writing. It also aims at verifying the uses of technology by individuals, which reflect a new way of reading and writing appropriation. The texts posted on the *blogs* are no longer unique; rather, they become collective, and so do the individuals. Through interaction and message exchanges, these young people question themselves at the same time as they construct new knowledge of gender. In this paper, I question this type of identity that individuals construct inside this great digital hypertext, which is the *blog*.

Keywords: *blogs*, reading and writing in the digital culture, gender

¹ Título do projeto de mestrado em andamento no Núcleo de Tecnologia Educacional das Ciências da Saúde (NUTES) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista CNPq.

INTRODUÇÃO

Considerando que os jovens estão cada vez mais imersos na cultura digital e que o virtual tornou-se um espaço de mediação da leitura, da escrita e da construção do conhecimento, onde os novos suportes possibilitam outras formas de apropriação, fazendo-se necessário uma análise desses espaços, particularmente, os *blogs*. O presente artigo é parte do projeto de pesquisa “*A escrita coletiva nos diários virtuais como instância formadora da identidade de gênero das jovens e como espaço de reflexão da saúde reprodutiva*”², que pretende analisar como, através de uma escrita coletiva em suporte virtual, os jovens constroem sua identidade de gênero e realizam reflexões sobre saúde reprodutiva nesses espaços não-formais de educação. Trata-se de analisar a construção de conceitos, o estabelecimento de trocas referentes à saúde reprodutiva e à sexualidade, verificando as influências desses novos espaços de escrita na construção da identidade de gênero desses/as jovens. (gênero, ou seja, as concepções, os comportamentos, e as atitudes relacionados ao ser homem e mulher. Averiguar nas mensagens postadas nos *blogs* a existência de reflexões e indagações acerca da saúde reprodutiva.) Os textos postados deixam de ser únicos e passam a ser coletivos, assim como os sujeitos. Através da interação e da troca de mensagens, eles/as se questionam ao mesmo tempo em que constroem novos conhecimentos sobre gênero e sexualidade, ou seja, formam suas identidades. Neste estágio inicial da pesquisa, nos limitamos a apresentar, na primeira parte do texto, algumas considerações sobre as evoluções da tecnologia, ressaltando características desse espaço de escrita coletiva, os *blogs*, que facilitam a narração do EU e a interatividade. Em um segundo momento, serão tecidos comentários sobre diferentes apropriações dos *blogs* e sobre seu estatuto na formação das identidades sociais, com ênfase em questões referentes à formação da identidade de gênero e sexualidade, no contexto sócio-cultural contemporâneo em que o/a jovem é bombardeado por interpelações mercantis.

AS EVOLUÇÕES DA TECNOLOGIA E AS IMPLICAÇÕES NAS RELAÇÕES SOCIAIS

Com a Revolução Industrial e o surgimento das máquinas, o avanço do Capitalismo e a divisão social do trabalho, novas técnicas foram criadas para suprir as demandas e as necessidades do mercado. Na Sociedade Industrial a base era a mão-de-obra humana que orientava os avanços da ciência e da tecnologia, começando com as máquinas a vapor, perpassando pela utilização da eletricidade, pelos celulares, chegando aos robôs e *cyborgs*³. Com todas estas mudanças, começam as associações entre homem e máquina, real e virtual, palavra e imagem, educação presencial e a distância, que surgem com o objetivo de criar novas possibilidades de interação, conexão, pesquisa. Surge, dessa forma, a Sociedade do Conhecimento a partir da instalação dos computadores em rede, a Internet, e suas respectivas ferramentas de comunicação. Os fatores de produção são o conhecimento e a informação, mudando as relações de aquisição dos mesmos, que não se centram apenas na escola, pois podem ser adquiridos através dos múltiplos meios, das múltiplas linguagens presentes na sociedade.

Os artifícios tecnológicos, considerados princípios mediadores da aprendizagem, podem ser considerados meios importantes para a aquisição do conhecimento. De acordo com Vygotsky (1997), o funcionamento psicológico está fundamentado nas relações sociais entre o indivíduo e o meio, sendo mediadas por sistemas simbólicos, através de instrumentos e signos. Os artifícios servirão como condutores da influência humana sobre o objeto da atividade, que se viabilizarão externamente. Ou seja, as diferentes tecnologias mediarão, através das relações sociais externas, o processo de internalização do conhecimento.

² A pesquisa pode ser acompanhada no *blog*: <http://tecendoumtexto.blogspot.com>

³ *Cyborg* é a mistura de homem e máquina.

As práticas sociais estabelecidas através da interação com as diversas ferramentas disponibilizadas pela tecnologia abrem caminhos e alargam as relações sociais, desafiando as formas de perceber o mundo. Os *blogs*, espaço de investigação da pesquisa, por exemplo, criaram uma nova forma de comunicação, onde várias relações são estabelecidas através do simples postar de mensagens.

Os *blogs* foram criados em 1999 pelo norte-americano Evan Williams com objetivo de possibilitar que as pessoas divulgassem seus diários na Internet. Eles são sistemas simples⁴ de publicação na *web* (teia) que funcionam através de um mecanismo de postar mensagens, que podem estar em blocos, com links, imagens ou outros signos lingüísticos. Esses espaços virtuais cooperados se sustentam a partir da geração de mensagens formando um produto textual comum, organizado a partir da deliberação de um sujeito ou grupo. As mensagens são atualizadas frequentemente e organizadas de forma cronológica, pela data e ordem de publicação. Atualmente, alguns sites oferecem esses espaços gratuitamente e ainda com um tutorial que auxilia a construção e a manipulação dos mesmos. As principais ferramentas presentes nesses sistemas são os *posts*, textos inseridos pelo autor do *blog*, e os comentários, que são os comentários incluídos pelos visitantes a respeito de uma determinada mensagem. Além dessas, ainda há a possibilidade de inserir *links* para outros sites e *blogs*, fotos, imagens, etc. São essas ferramentas que fazem do *blog* um espaço diferenciado dos outros *websites*. Através dessas interações os sujeitos, conhecidos como *bloggeiros*, vão conversando, trocando idéias pelo sistema, sendo possível que um deles discorde ou concorde com os *posts*, criando espaços de negociação, uma rede dialógica complexa. Mais do que isso, o *blog* permite a criação de novos caminhos, avanços, caracterizando um grande hipertexto. O fluxo das mensagens e dos *posts* proporcionam esses avanços.

O CIBERESPAÇO E A ESCRITA HIPERTEXTUAL: ESPAÇOS PARA A RENOVAÇÃO DAS RELAÇÕES E DOS SABERES

A sociedade está passando por um processo acelerado de mudanças tanto no que se refere à política quanto à ciência. As transformações são rápidas e constantes. Uma dessas mudanças pode ser observada na instituição de uma nova cultura, a digital, conhecida como *Cibercultura*, na qual transitamos por outros espaços, os virtuais, ou melhor, o ciberespaço, que nos remete também a outros tempos. A noção que temos de tempo e espaço muda, assim como nossas relações sociais. A *Cibercultura* produz uma velocidade na renovação dessas relações e também dos saberes. O conhecimento pode ser adquirido através do apoio das tecnologias em espaços não formais de educação, que são os mecanismos de interação entre o conhecimento, as informações e outros sujeitos.

(...) o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas: memória (banco de dados, hiperdocumentos, arquivos digitais de todos os tipos), imaginação (simulações), percepção (sensores digitais, telepresença, realidades virtuais), raciocínios (inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos)".

(LÉVY, 1999, p. 157)

⁴ Para postar mensagens não é necessário saber qualquer tipo de linguagem de programação.

A *Cibercultura* cria um novo espaço onde todos os textos podem ser escritos e lidos independentes de uma referência ou fonte. Neste novo espaço o/a jovem se desenvolve a partir das experiências de troca com outros jovens, das trocas culturais. Os não saberes acadêmicos ganham um novo sentido e deixam de ser chatos ou sufocantes. Os jovens da *Cibercultura* se apropriam rapidamente dos novos signos, dos *bits*⁵ e dos *bytes*⁶. E, dos novos modelos de aquisição do conhecimento. O *blog* é um exemplo destes novos modelos, que ampliam as formas de expressão, pois são territórios livres, onde os acessos são permitidos e não é preciso uma identificação prévia. Este é um dos lugares privilegiados para o exercício da mobilidade das identidades, descartando definitivamente noções essencialistas do sujeito anteriores ao século XX. Um jovem que quer falar sobre os seus anseios em relação ao sexo, ou discutir sua identidade homossexual, pode criar uma nova identidade⁷ para não se expor. Novos modelos do espaço do conhecimento precisam ser produzidos, de forma aberta e não linear, organizados através de objetivos comuns, nos quais cada sujeito ocupará um lugar singular. Outros artifícios estão presentes nesse espaço universal de troca, tais como os já comentados *blogs*, a hipermídia⁸, as redes de comunicação interativas, as imagens em 3D e as outras tecnologias. Porém, os *blogs* nos fazem recorrer a uma tecnologia bem mais antiga, a palavra escrita. É através da apropriação das palavras e dos textos que o autor vai construindo sua identidade de autor e leitor. De acordo o historiador Chartier (1999), “*as novas possibilidades oferecidas pelo texto eletrônico, sempre maleável e aberto a escrituras múltiplas, são os próprios fundamentos da apropriação individual dos textos que se vêem colocados em questão*” (p. 49).

A cultural digital proporcionou o aparecimento de novos suportes para a escrita – computador (espaço virtual), palm, tablet⁹ – que contribuem para a troca e a construção das redes de saber. Estes suportes estariam possibilitando a passagem da etapa da inteligência baseada na escrita linear para a etapa da inteligência coletiva¹⁰ baseada no hipertexto. A internalização desta nova estrutura, o hipertexto, implica novas formas de ler, escrever, pensar e aprender. Ele possibilita a leitura e a escrita não linear, não seqüencial, sem percurso definido, com um caráter único e individual. Cada sujeito traçará o seu próprio caminho através de um diálogo intertextual, com acesso ilimitado a outros textos a partir de escolhas sucessivas, pois proporciona interatividade, ou seja, quanto mais ativo for mais conhecimento viabilizará.

(...) O hipertexto é dinâmico, está perpetuamente em movimento. Com um ou dois cliques, obedecendo, por assim dizer ao dedo e ao olho, ele mostra ao leitor uma de suas faces, depois outra, um certo detalhe ampliado, uma estrutura complexa esquematizada. Ele se redobra e desdobra à vontade, muda de forma, se multiplica, se corta e se cola outra vez de outra forma.

(LÉVY, 1993, p.41)

⁵ Bits – Binary digIT – corresponde ao 0 ou 1 do sistema binário. É a menor unidade de informação que pode ser tratada e armazenada pelo computador. Sozinho ele não tem sentido, por isso é sempre tratado por unidades maiores, os *Bytes*. Cada Byte equivale a 8 bites.

⁶ Bytes – refere-se a um caractere, sendo correspondente a 256 valores possíveis. Um computador é capaz de armazenar, agrupar vários bytes. As unidades superiores dos bytes são: *kilobyte* (1024 bytes), *Megabyte* (1024 Kilobytes ou 1.048.576 bytes) e o *Gigabyte* (1000 Megabytes).

⁷ A questão da identidade será tratada no próximo título.

⁸ Hipermídia é a integração do texto com imagens, sons, vídeos, vinculados de forma interativa.

⁹ Tablet é uma caneta que apoiada a uma superfície digital permite o desenho livre, digitalizado. Utilizada para fazer animações.

¹⁰ Expressão utilizada pelo autor Pierre Lévy, que a caracteriza como a capacidade de trocar idéias, compartilhar informações e interesses comuns, criando comunidades e estabelecendo conexões.

O hipertexto é uma forma de estruturação textual, realizada em outro espaço - o ciberespaço, o qual permite ao leitor ser o co-autor do texto¹¹, oferecendo-lhe níveis diferentes de aprofundamento e desenvolvimento de um determinado tema. Tais oportunidades se abrem a partir de alguns elementos específicos, os hiperlinks, que são os elos que vinculam todas estas redes de saberes. Basta um clique para realizarmos, livremente, desvios, saltos e aberturas. As principais características¹² de um hipertexto são: não-linearidade, volatilidade¹³, fragmentariedade, multissêmico¹⁴, interatividade e iteratividade¹⁵. Estas características diferenciam o texto impresso do hipertexto, mas, além destas, a principal é o espaço. É o ciberespaço que permite a deslinearização das informações.

As novas formas de escrever possibilitam a construção de um texto coletivo, a produção de novas linguagens e estilos diferenciados. Ou seja, em diferentes espaços e tempos, os indivíduos se conectam através de seus próprios endereços, sejam eles páginas da web, email, entre outros. No caso dos *blogs*, mensagens são formuladas, respondidas, repassadas na forma de textos completos ou de pequenas anotações; informações são produzidas e trocadas dentro de um espaço invisível, sem fronteiras. Os *blogs* são sustentados a partir de uma interconexão com outros espaços virtuais, formados a partir de interesses comuns dos indivíduos, através de um processo cooperativo de troca. Eles atuam como espaço de discussão, dos mais diversos âmbitos, nos quais os sujeitos agem de forma passiva ou desafiadora. Por outro lado, afinidades, alianças intelectuais, amizades podem desenvolver-se nesse grande espaço de produção textual, e, "(...) *longe de serem frias, as relações on line não excluem as emoções fortes*" (LÉVY, 1999, p. 128).

Um dos pontos importantes que regem o contato dos participantes, ou visitantes assíduos, é a reciprocidade, que se resume na postagem constante de mensagens. Outro ponto é a possibilidade de expressar a própria opinião. Através de debate coletivo, fundamentado nessa interação textual, os sujeitos discutem, repensam, questionam seus anseios, dúvidas e comportamentos. Constroem, assim, um olhar crítico, uma opinião sobre determinados aspectos da vida social.

Nesses espaços alternativos da escrita, novos signos lingüísticos são criados para facilitar a comunicação, estabelecendo assim uma linguagem própria. Códigos lingüísticos ilustram as mensagens, esquentam as questões. Como exemplo, podemos citar:

vc – você
tb – também
pq – por que
bj - beijo
:) felicidade
:(tristeza
:D sorrindo
;) piscando o olho

Um outro exemplo são *emotions*¹⁶ dos canais de conversa on line (Yahoo, MSN).

¹¹ Quando falo em co-autoria refiro-me à simultaneidade das informações, pois quem as controlará será o leitor e não mais o autor. O leitor decidirá a ordem da leitura, os conteúdos a serem incorporados, determinando, assim, a versão final do texto, que ficará diferente da proposta pelo autor.

¹² Estas foram retiradas do livro de: KOCH, Ingedore V.G. *Desvendando os segredos do texto*. 2ª Edição. São Paulo: Cortez, 2003.

¹³ Volatilidade quer dizer aquilo que se evapora facilmente. Neste caso, devido à natureza virtual do suporte.

¹⁴ Multissêmico porque absorve vários aportes sensoriais e sígnicos (ícones, efeitos sonoros, diagramas, etc) numa mesma leitura.

¹⁵ Iteratividade é a possibilidade de se fazer novamente devido a sua natureza hipertextual.

¹⁶ Emotions são as carinhas divertidas que aparecem no corpo da mensagem.

Uma nova consciência subjetiva é criada quando estabelecemos elos, unimos mentes e sujeitos interconectados, ampliando a capacidade de diálogo e de construção de um pensamento que vai sendo tecido por entre os fios do mesmo texto, composto por uma gama de mensagens. No espaço do *blog* temos uma escrita concentrada, pessoal, que se transforma em coletiva a partir do momento que outras mensagens são inseridas. O *post* é individual, mas quando é inserido no espaço próprio para a postagem das mensagens, vai para a tela do computador, transforma-se em coletivo. Nossos/as jovens estão imersos neste novo caminho, onde são compreendidos e possuem liberdade para expressarem suas dúvidas sobre sexo, gênero, problemas familiares, questões do eu interior.

CULTURAS JUVENIS, ESCRITA DE SI E SAÚDE REPRODUTIVA

A tecnologia, que foi durante muito tempo um instrumento de racionalização e de separação, transforma-se em um espaço de trocas, de sociabilidade, onde dispõem-se de ferramentas de convivência comunitária, que potencialmente aproximam as pessoas de todos os âmbitos sociais, econômicos, culturais¹⁷. Na medida em que textos forem (re)produzidos, contatos estabelecidos, imagens (re)construídas e trabalhadas, pesquisas realizadas, o conhecimento vai se construindo. A interação entre os sujeitos e esses espaços altera não só os processos cognitivos, mas também o EU, porque nos autodesenvolvemos a partir das hipóteses formuladas, questões levantadas, descobertas realizadas. A interação estabelecida durante a interface *indivíduos-textos-imagens* por via do computador, representa algo além de uma simples funcionalidade técnica. Envolve a possibilidade de criarmos algo inteiramente novo, capaz de combinar a identidade humana com as particularidades tecnológicas. Sendo que esta identidade pode ser construída a partir das relações sociais e das práticas estabelecidas através da mediação tecnológica.

As primeiras apropriações referentes aos usos dos *blogs* foram como diários eletrônicos, onde os sujeitos escreviam sobre sua vida particular, faziam desabaços pessoais, contavam problemas sentimentais. Verdadeiras fontes de expressão individual. Os diários quando ainda eram escritos em papéis, verdadeiras narrativas do EU, ficavam sob os olhos de apenas uma pessoa, o autor. A intimidade e a privacidade eram resguardadas. Com a popularização dos mesmos esses usos foram se transformando em espaços de discussão, divulgação, informação, entre outros fins. Ou seja, transformaram-se em espaços de expressão coletiva. E, voltados para o olhar de uma multidão. É comum encontrarmos *blogs* de jornalistas, músicos, artistas, intelectuais que querem não apenas discutir sobre suas profissões, produções e criações, mas também “falar”¹⁸ livremente sobre os problemas sociais e políticos presentes na sociedade. Instituírem uma discussão, que muitas vezes não podem fazer em outros espaços. A vida deixa de ser privada e torna-se pública. O olhar sob a vida e a opinião do outro torna-se corriqueira. A jornalista Denise Schittien, autora do livro *“Blog: comunicação e escrita íntima na Internet”*, em uma entrevista para um site, disse que *“os blogs são espaços perfeitos para o autor desabaçar, escrever sobre coisas que não caberiam em outros espaços, (...) é botar para fora os lixos que estão incomodando em determinado momento”*.

Um público muito comum nesses espaços são os jovens, que encontram liberdade para escreverem sobre o que quiserem, além de socializarem suas idéias e opiniões. Trata-se de um espaço aberto para o diálogo e a troca, mais livre de controles do que instituições como a escolar e familiar. Um espaço para a escrita de si e a narração do EU e para a subjetivação do indivíduo. À medida que narramos, não estamos apenas representando o que somos e as situações que

¹⁷ O potencial de democratização está presente, a despeito do acesso aos computadores ser ainda privilégio de jovens de classes sociais mais elevadas.

¹⁸ Podemos ler também escrever.

vivemos, mas estamos de forma importante construindo e transformando nossas identidades. O conceito de identidade é relativamente novo na história da humanidade. Surge no Iluminismo e vai conquistando espaço na medida em que as discussões sobre a individualidade ganham importância. No Iluminismo, pensava-se no sujeito centrado, em uma essência do eu, uma concepção individualista. Depois, veio a idéia de um sujeito que se estrutura a partir de relações com outras pessoas, o sujeito sociológico. Uma concepção interativa da “*identidade do EU*”. Por último, a concepção de sujeito pós-moderno, na qual não mais se concebe a identidade fixa ou permanente. O sujeito, ao longo da vida, através das múltiplas interações sociais que mantém, vai transformando sua identidade. Segundo Hall (2005), “*as identidades modernas estão sendo descentradas, isto é, deslocadas ou fragmentadas*” (p. 14). Contribui para a flexibilização das identidades o fato das sociedades modernas sofrerem mudanças constantes, rápidas e permanentes, e a variedade de interpelações feitas ao sujeito. A identidade é construída historicamente, ou seja, está diretamente ligada aos processos históricos e sociais. As identidades fragmentadas são múltiplas, construídas ao longo dos discursos, práticas e posições, que podem ser antagônicas ou similares (Hall, 2005).

Na discussão da identidade juvenil, que é o enfoque desse artigo, é importante estabelecer um entendimento sobre essa faixa etária, situada entre os 15 e 24 anos, conforme definição do Programa de Saúde do Adolescente – PROSAD. Devemos nos afastar dos discursos que patologizam a juventude, para os quais ser jovem representa necessariamente estar tomado por conturbações, dificuldade e sofrimento. Os fenômenos da juventude não são universais, mas circunscritos histórica e culturalmente. Precisamos superar o conceito essencialista de juventude, de forma a contemplar a pluralidade de experiências e vivências juntamente com os recortes de etnia, gênero, classe social entre outros. Como sinaliza Carrano (apud Igreja, 2004): “*Os jovens na sociedade não constituem uma classe social, ou grupo homogêneo como muitas análises permitem intuir. Os jovens compõem agregados sociais com características continuamente flutuantes*”. Nesse sentido, é mister pensar o jovem a partir de uma dada cultura, tanto local como global, à medida que é sujeito na contemporaneidade, em uma escala sem precedente, a interpelações das mídias, em um mundo dominado pelas relações mercantis. O(a) jovem busca pertencer a grupos, adota visual pouco comum e faz de seu corpo um “*laboratório de experiências*”. *Piercings*, tatuagens, cortes de cabelo e definição de um corpo perfeito, através de atividades físicas, são exemplos de manipulações que têm o objetivo de torná-lo diferente - e facilmente reconhecível. Para o jovem, a afirmação de sua(s) identidade(s) e a construção da aparência são processos que guardam estreita relação entre si.

A preocupação com o corpo, com as sutilezas do sexo, com a aparência faz dele/a o principal alvo do mercado e da mídia. Na maioria das vezes, eles/as querem ser olhados/as, admirados/as não por sua inteligência ou sagacidade, mas pela aparência externa. O exterior ganha uma grande importância, porque será olhado, cobiçado, fotografado, ou seja, ficará a mostra para outras pessoas verem. O que importa é a opinião e o olhar do outro.

“(...) não é nada difícil observarmos as constantes imagens de corpos que nos são constantemente apresentadas e, também, ditas. Nas passarelas da moda, no teatro, na dança, nos esportes, nas revistas, na venda de objetos pela publicidade, nas novelas e programas de televisão, nos filmes, nas ruas, parques e academias, o corpo, ao mesmo tempo em que se exhibe e é exibido, torna-se também objeto de diferentes anseios e desejos”.

(LOURO, 2003, p. 124)

As identidades dos(as) jovens são influenciadas pelo mercado. Segundo Sarlo (2004), “o mercado unifica, seleciona e, além disso, produz a ilusão da diferença através dos sentidos extramercantis (...)”, ou seja, não seguir o padrão do mercado é ser diferente.

“(...) A cultura sonha, somos sonhados por ícones da cultura. Somos livremente sonhados pelas capas de revistas, pelos cartazes, pela publicidade, pela moda: cada um de nós encontra um fio que promete conduzir a algo profundamente pessoal, nessa trama tecida com desejos absolutamente comuns. A instabilidade da sociedade moderna se compensa no lar dos sonhos, onde com retalhos de todos os lados conseguimos operar a “linguagem da nossa identidade social”. A cultura nos sonha como uma colcha de retalhos, uma colagem de peças, um conjunto nunca terminado do todo (...)”

(SARLO, 2004, p 25)

Os meninos precisam ter o corpo bem definido, parecerem viris, enquanto as meninas precisam estar no padrão de beleza previamente ditado pelos ícones da cultura. As roupas da moda, os acessórios da estação, o material escolar de tal *popstar* são os utensílios necessários para a permanência dentro de um determinado grupo social, ditado pelo mercado de consumo. O desejo pelo novo também é uma constante no comportamento juvenil, o que leva ao ato de consumo. A aquisição do objeto torna-se uma necessidade de auto-afirmação, a afirmação da identidade. Cada um pode ter o seu estilo próprio, mas não pode deixar é de seguir o padrão desse estilo.

Quando assumem um estilo, os/as jovens acreditam estarem livres dos padrões ditados pela sociedade, percebida por eles como fora de moda, antiquada. Procuram um ideal de liberdade, o que para eles/as pode não parecer, mas está mascarado pela sociedade de consumo. Quando o mesmo grupo usa as mesmas grifes e frequenta os mesmos lugares não existe uma liberdade, mas uma padronização de comportamentos e estilos.

A preservação da beleza, do vigor e da juventude está diretamente ligada às questões de gênero, que também serão abordadas na presente pesquisa, e ganham sentido no espaço dos *blogs* quando moças e rapazes¹⁹ falam sobre seus problemas sexuais, suas angústias em relação a uma gravidez precoce ou às doenças sexualmente transmissíveis. Quando assumem esses medos e se colocam, perguntam e conversam através da troca de mensagens.

O conceito de gênero engloba todas as formas de construção social, cultural que diferenciam os rapazes das moças, incluindo processos que criam novas relações com os seus corpos, sentimentos e, principalmente, com a identidade. A concepção de masculinidade e feminilidade que emerge do processo de significação cultural da diferença entre os sexos refere-se à forma como cada um apreende o mundo. Atravessando o processo de subjetivação e construção da identidade, configurando os modos de sentir, pensar e atuar em relação ao outro. Segundo Louro (2003), “o conceito de gênero privilegia, exatamente, o exame dos processos de construção dessas distinções biológicas, comportamentais ou psíquicas (...)” (p. 16). Ainda de acordo com a autora, “o conceito de gênero enfatiza essa pluralidade dos processos pelos quais a cultura constrói e distingue corpos e sujeitos femininos e masculinos” (p. 17). As questões relacionadas a gênero são muito complexas, pois vivemos em uma sociedade onde a singularidade prevalece e ser diferente é estar fora dos padrões. É complicado falar das possíveis análises dos sujeitos e dos processos sociais, que marcam e discriminam, sem tocarmos nas diferenças, tanto relacionadas às questões de gênero quanto de raça, etnia, nacionalidade, etc. É

¹⁹ Usei esses termos por se tratar de jovens.

importante também tecer comentários acerca da sexualidade, pois nossos/as jovens iniciam cada vez mais cedo sua vida sexual. Percebidos como irresponsáveis sexuais, pois se expõem ao sexo sem proteção ou preocupação, eles merecem uma atenção especial. Embora haja informação sobre sexualidade e prevenção das DST/ Aids e eles/as saibam dos riscos que correm, esta nem sempre chega ao espaço educativo. Seja por conta do preconceito ou por falta de profissionais preparados para lidarem com tais questões.

O termo sexualidade é recente na vida cotidiana. Em tempos não tão distantes falar de sexo era pecado, significava promiscuidade, fora dos padrões normais, entre outros. A sexualidade deixa de ser um ato privado e passa a ser compreendida como uma prática social. O sexo é o fenômeno humano centrado no prazer e não apenas numa sensação corporal. A palavra sexo nos remete às seguintes idéias: o sujeito na reprodução sexuada, os órgãos genitais externos e o próprio ato sexual. A sexualidade não é apenas o ato sexual, mas o conjunto de fantasias e idéias que cada um constrói sobre si e para si em função daquilo que lhe é prazeroso. A expressão sexualidade extrapola a idéia de sexo, sendo utilizada para significar os atos corporais relacionados à reprodução e ao prazer.

As idéias referentes ao sexo são fruto dos mecanismos sociais. Durante muito tempo sexo estava ligado apenas ao propósito da reprodução, da procriação. As mulheres tinham atos sexuais apenas para reprodução. Porém, as mudanças socioculturais das últimas décadas proporcionaram um debate sobre as mudanças nas representações sobre sexo e também em relação ao quadro reprodutivo das mulheres, aos aspectos vinculados às opções contraceptivas e conceptivas, aos avanços e impasses na reprodução. E cada vez mais cedo nossos/as jovens tornam-se pais e mães inexperientes e sem perspectivas de futuro. Ações educativas que contribuam efetivamente para o exercício consciente da sexualidade pelos/as jovens passam sem dúvida pelo conhecimento de suas representações sobre questões referentes à gravidez, ao parto, à amamentação, enfim, à maternidade. E, sobretudo, sobre os processos através dos quais em espaços não formais como é o caso dos *blogs*, nas escritas e interações mantidas, suas auto-identidades vão se construindo.

O conceito saúde reprodutiva foi cunhado em 1988 pela Organização Mundial de Saúde (OMS) por conta de preocupações com o aumento das DST e o surgimento da Aids, ou seja, uma preocupação com a saúde sexual. Mas, foi na Conferência Internacional de População e Desenvolvimento do Cairo (CIPD), em 1994, que o conceito de saúde reprodutiva foi ampliado:

“A saúde reprodutiva é um estado de completo bem estar físico, mental e social em todos os assuntos concernentes ao sistema reprodutivo, suas funções e processos, e não à simples ausência de doenças ou enfermidade. A saúde reprodutiva implica, por conseguinte, que a pessoa possa ter uma vida sexual segura e satisfatória, tendo autonomia para reproduzir e liberdade de decidir sobre quando e quantas vezes fazê-lo”.

(VILLELA & ARILHA, 2003, p 154)

A preocupação com a saúde reprodutiva dos/as jovens está diretamente ligada à construção da sexualidade, que deveria estar presente no contexto educativo. Eles/as estão inseridos/as em um contexto social no qual o apelo pelo sexo é corriqueiro. Muitas vezes, como acontece nos *blogs*, discutem com os/as amigos/as, e assim múltiplas aprendizagens vão ocorrendo.

Os *blogs* permitem aos sujeitos expressarem as facetas das várias identidades construídas, assumidas. Eles são configurados a cada momento para refletir sobre a concepção de identidade assumida pelo EU e sobre os conceitos de saúde reprodutiva que internaliza em um

determinado momento. Por conta disso o conteúdo dos *posts* é tão diversificado e os *layouts*²⁰ são tão alterados, desde uma inversão de cores até toda a reconfiguração. A idéia de que se “constrói” a identidade é de grande importância para o entendimento do *blog* como faceta desta identidade. Ao mesmo tempo em que o *blog* passa por transformações (modificações, reformulações, reconstruções), também o faz a identidade do/a jovem. Essas mudanças apresentam uma resposta crítica, ou até mesmo apresentam questões, não sobre “quem sou eu” – já que não existe uma essência do EU - mas principalmente sobre as mudanças constantes pelas quais o EU passa nessa construção coletiva. São as janelas que podem revelar ou esconder alguém. Eles representam alguém. E, é partir dessas representações, que ele é percebido pelos demais.

Mais estudos são necessários para o delinear dessa pesquisa, ainda em fase de desenvolvimento, pois o assunto é muito novo e com um vasto campo de análise. A principal intenção é lançar ao debate mais indícios e discussões sobre tais questões.

Concluo que é importante para as instituições formais de ensino incluírem dentre suas considerações outros espaços, como os *blogs*, que introduzem novas formas de ler, escrever, pensar e aprender e têm influência marcante na conformação dos/das jovens na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro – do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- _____, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- IGREJA, M. J. Vulneráveis? Resistentes? Quem entenderá estes nossos meninos? Questões de gênero nos programas educativos de ONGS do Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação Tecnologia Educacional nas Ciências da Saúde, UFRJ. 2004.
- HUKAFFER, David “*Gender Similarities and differences in online identity and language use among teenage bloggers*”, Georgetown University, 2004.
- KOCH, Ingedore V.G. *Desvendando os segredos do texto*. 2ª Edição. São Paulo: Cortez, 2003.
- LEITE, Márcia & FILÉ, Valter (ORGS). *Subjetividade, tecnologias e escolas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- LOURO, Guacira L. *Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da Inteligência – o futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Editora 34, 1993.
- _____, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- _____, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.
- RAMAL, Andrea C. *Educação na cibercultura – hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem*. São Paulo: Artmed, 2002.
- PEDRO, Rosa M. L. R. *Cognição e tecnologia: entre natureza, cultura e artifício*. Documento EICOS, v. 9 Rio de Janeiro: EICOS, UFRJ, 1998.
- SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna – intelectuais, arte e videocultura a Argentina*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2004.
- SCHITTINE, Denise. *BLOG: comunicação e escrita íntima na Internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

²⁰ Layouts são as faces digitais de uma página da web.

- SILVA, Ezequiel Theodoro da (ORG). *A leitura nos oceanos da Internet*. São Paulo: Cortez, 2003.
- SILVA, Tomaz Tadeu (ORG). *Alienígenas na sala de aula – Uma introdução aos Estudos Culturais em Educação*. Editora Vozes, 1995.
- _____, Tomaz Tadeu da Silva. *Documentos e Identidades – Uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.
- _____, Tomaz Tadeu da Silva (ORG). *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.
- _____, Tomaz Tadeu da Silva (ORG). *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.
- VILLELA, Wilza Vieira; ARILHA, Margareth. Sexualidade, gênero e direitos sexuais e reprodutivos. IN: BERQUÓ, Elza (ORG). *Sexo & Vida – Panorama ds Saúde Reprodutiva no Brasil*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- WALTY, Ivete Lara Camargos; FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. *Palavra e imagem: leituras cruzadas*. 2º edição. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2001.